



## DESEMPENHO GERAL DO SETOR DE PRODUTOS PARA A SAÚDE

A recessão econômica brasileira tem impactado diretamente o setor de saúde. Desde 2015, os planos de saúde perderam 1,6 milhão de beneficiários e, devido à contração fiscal, o orçamento do SUS foi reduzido em R\$ 12 bilhões. Diante desse cenário, o número de clínicas médicas populares privadas, instaladas para suprir a demanda não atendida pelo SUS, deverá mais do que dobrar nos próximos anos. Outra novidade para o setor tem sido a capitalização de investimentos estrangeiros nos hospitais brasileiros, compensando parcialmente a falta de investimentos no setor.

No primeiro semestre de 2016, houve retração de 0,2% no nível de emprego. Em 12 meses, o índice recuou 2,44%, com a eliminação de 3.391 postos de trabalho no setor.

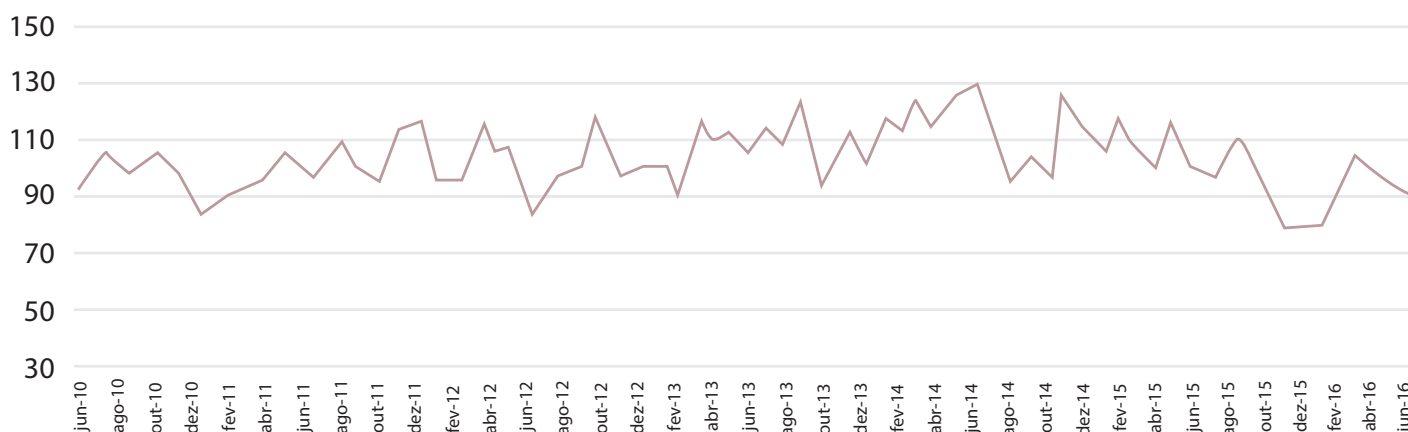
No acumulado de janeiro a junho de 2016, em relação ao mesmo período de 2015, as importações dos produtos para saúde declinaram 12,9% e o consumo aparente apresentou queda de 16%. A produção industrial de instrumentos e materiais para uso médico e odontológico, na mesma comparação, recuou 12%, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), do IBGE. As vendas, por sua vez, tiveram um incremento, no período de janeiro a maio, de 0,7%.\*

**TABELA 01 |**  
Desempenho geral do setor  
VARIÇÃO PERCENTUAL I JANEIRO A JUNHO DE 2016

Segmentos	Variação percentual (%)	
	No ano	12 meses
<b>Emprego</b>		
Trabalhadores	-0.2	-2.4
<b>Produção</b>		
Número índice	-12.0%	-11.0%
<b>Vendas(1)</b>		
Número índice	0.7%	-1.3%
<b>Consumo aparente</b>		
Número índice	-16.0%	-15.0%
<b>Exportações</b>		
Em mil dólares	-24.2%	-16.1%
<b>Importações</b>		
Em mil dólares	-12.9%	-16.5%
<b>Balança comercial (déficit)</b>		
Em mil dólares	-14.6%	-16.4%

Fonte: IBGE, Caged/ MTE, RAIS e Aliceweb/ SECEX | Elaboração: Websetorial

**GRÁFICO 01 |**  
Consumo aparente do setor  
MÉDIA MÓVEL 12 MESES (NÚMERO ÍNDICE BASE FIXA 2012 = 100) | DE 2011 A 2016



Fonte: IBGE, Caged/ MTE, RAIS e Aliceweb/ SECEX | Elaboração: Websetorial

\* Nota: A variação nas vendas se refere ao período janeiro-maio de 2016, pois até a data publicação deste relatório, os dados de vendas da PMC-IBGE de junho ainda não haviam sido divulgados. O índice se refere à Venda de "Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos"

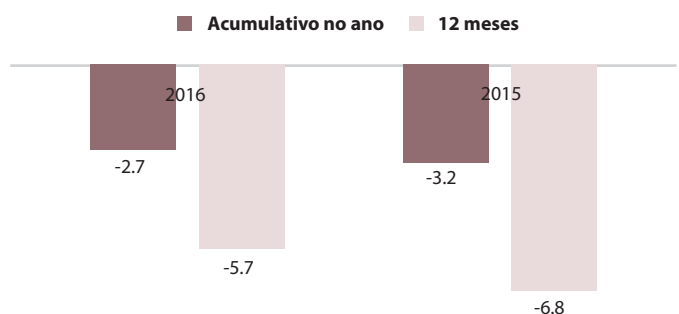


## COMÉRCIO INTERNACIONAL NO SETOR

As importações totais do setor, no primeiro semestre de 2016, totalizaram US\$ 2,3 bilhões, com recuo de 12,9% em relação ao mesmo período de 2015. Em 12 meses, houve queda nas importações brasileiras de todos os produtos para a saúde, com variação negativa de 16,5%.

As exportações do setor alcançaram US\$ 349 milhões no acumulado de janeiro a junho de 2016, o que representou um recuo de 24% em relação ao mesmo período de 2015. Na comparação em 12 meses, registra-se declínio de 16% nas vendas externas.

## GRÁFICO 02| Balança comercial EM MILHÕES DE DÓLARES | JANEIRO A JUNHO DE 2016



Fonte: Aliceweb/ SECEX | Elaboração: Websetorial

## TABELA 03| Comércio internacional do setor

### EM MIL DÓLARES E VARIAÇÃO PERCENTUAL | JANEIRO A JUNHO DE 2016

Segmentos	2016		2015		Variação percentual (%)	
	Ac. no ano	12 meses	Ac. no ano	12 meses	Ac. no ano	12 meses
<b>Exportações</b>						
<b>Total do setor de produtos para a saúde</b>	<b>349</b>	<b>928</b>	<b>460</b>	<b>1,107</b>	<b>-24%</b>	<b>-16%</b>
Audiologia	3	7	2	5	54%	43%
Cardiovascular	28	56	32	62	-13%	-10%
Demais equip. de uso hospitalar, inclusive laser	25	51	31	58	-19%	-12%
Diagnóstico por imagem	14	34	15	32	-7%	6%
Equipamentos para laboratório	12	28	13	30	-8%	-8%
Materiais e aparelhos para odontologia	27	66	28	71	-6%	-8%
Materiais e suprimentos	100	56	103	61	-3%	-9%
Mobiliário	3	10	6	15	-44%	-30%
Oftalmologia	15	30	12	24	21%	25%
Ortopedia	17	45	43	85	-59%	-47%
<b>Diagnóstico In vitro (CDDL)</b>	<b>158</b>	<b>359</b>	<b>236</b>	<b>492</b>	<b>-33%</b>	<b>-27%</b>
<b>OPME (ABRAIDI)</b>	<b>122</b>	<b>265</b>	<b>149</b>	<b>313</b>	<b>-18%</b>	<b>-16%</b>
<b>Importações</b>						
<b>Total do setor de produtos para a saúde</b>	<b>2,342</b>	<b>4,740</b>	<b>2,690</b>	<b>5,677</b>	<b>-12.9%</b>	<b>-16.5%</b>
Audiologia	34	65	49	100	-31.2%	-35.3%
Cardiovascular	175	326	208	412	-15.7%	-20.9%
Demais equip. de uso hospitalar, inclusive laser	333	699	387	834	-14.1%	-16.1%
Diagnóstico por imagem	166	385	226	476	-26.6%	-19.1%
Equipamentos para laboratório	196	441	274	624	-28.7%	-29.3%
Materiais e aparelhos para odontologia	32	72	38	76	-17.7%	-6.3%
Materiais e suprimentos	309	637	397	805	-22.2%	-20.9%
Mobiliário	12	25	31	62	-62.0%	-59.3%
Oftalmologia	80	173	107	209	-25.7%	-17.4%
Ortopedia	87	185	105	247	-17.2%	-25.2%
<b>Diagnóstico In vitro (CDDL)</b>	<b>1,186</b>	<b>2,292</b>	<b>1,187</b>	<b>2,519</b>	<b>-0.1%</b>	<b>-9.0%</b>
<b>OPME (ABRAIDI)</b>	<b>673</b>	<b>1,392</b>	<b>791</b>	<b>1,681</b>	<b>-15.0%</b>	<b>-17.2%</b>

Fonte : SECEX /Alice web

(2) O setor de produtos para a saúde inclui, além dos segmentos abrangidos pela ABIMED, listados na Tabela 03, os mercados de diagnóstico in vitro (IVDs) e órteses e próteses (OPMEs).

# Balanço Setorial

## DESPESAS DIRETAS DA POPULAÇÃO COM EXAMES DE IMAGEM

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que a população brasileira desembolsa diretamente (out of pocket) 25,5% dos gastos totais com saúde no País, o que corresponde a 47,2% do gasto privado com saúde. O desembolso indireto, por meio dos planos de saúde, responde por 49,7%. A diferença, de 3,1%, vem de desembolsos de estrangeiros com a saúde no País, provavelmente por valores pagos a empregados naturais de outros países e residentes no Brasil. (Tabela 4)

### TABELA 04| Brasil

#### COEFICIENTES DE GASTOS COM SAÚDE, 1995-2014

ANO	Despesa total em saúde em % do PIB	Despesa pública em saúde em % da despesa total em saúde	Despesa privada em saúde em % da despesa total em saúde	Despesas Out of pocket como % da despesa privada em saúde	Despesas Out of pocket como % da despesa total em saúde	Planos pré-pagos particulares em % da despesa privada em saúde
2014	8.32	46.04	53.96	47.20	25.47	49.70
2010	8.27	45.80	54.20	50.40	27.32	47.02
2005	8.27	41.51	58.49	62.77	36.71	35.53
2000	7.03	40.30	59.70	63.58	37.95	34.34
1995	6.51	43.01	56.99	67.98	38.74	32.02

Fonte: OMS - <http://apps.who.int/gho/data/view.main.HEALTHEXPRATIOBRA?lang=enconsulta> em 29/07/2016

Diante da distribuição dos gastos privados descrita anteriormente, foi pesquisada a composição das despesas out of pocket com exames de imagem, a partir dos dados retirados do Aplicativo de Inteligência de Mercado da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Os dados foram estimados a partir da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) do IBGE de 2009 e atualizados para 2015.

Os dados da Tabela 5 trazem alguns valores totais dos exames de imagem por modalidade e indicam que famílias com renda de até cinco salários mínimos são as que mais gastam diretamente (out of pocket) com esses exames no Brasil. Em 2015, as famílias brasileiras gastaram R\$ 360 milhões com exames de ressonância magnética, a preços de mercado. A maior parte foi gasta por famílias com renda até cinco salários mínimos, cerca de 55% do dispêndio total, o que representa em valor R\$ 196 milhões. Entre os exames de imagem, o maior valor gasto pelas famílias foi com ultrassonografia, cerca de R\$ 924 milhões, dos quais 60% foram pagos pelas famílias que ganham até cinco salários mínimos.

### TABELA 05| Brasil

#### ESTIMATIVAS DE GASTOS DIRETOS (OUT OF POCKET), PELO VALOR DE MERCADO, POR FAIXA DE RENDA, COM EXAMES DE IMAGEM PELA POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 2015

Em milhões de R\$

Faixa de renda	Eletrocardiograma e outro métodos gráficos	Radiografia	Ressonância magnética	Tomografia	Ultrassonografia	Cintilografia óssea
Até 5 salários	R\$ 297	R\$ 245	R\$ 196	R\$ 296	R\$ 557	N/D
De 5 a 15 salários	R\$ 128	R\$ 163	R\$ 112	R\$ 172	R\$ 275	R\$ 5
Mais de 15 salários	R\$ 68	R\$ 64	R\$ 51	R\$ 81	R\$ 92	N/D
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 494</b>	<b>R\$ 472</b>	<b>R\$ 360</b>	<b>R\$ 550</b>	<b>R\$ 924</b>	<b>R\$ 5</b>

Fonte: Fiesp -Aplicativo de Inteligência de Mercado estimativa a partir de dados Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE de 2009

## COMPETITIVIDADE E INOVAÇÃO NO SETOR

**Regulação:** A Agência Nacional de Saúde (ANS) suspendeu a comercialização de 35 planos de saúde de oito operadoras no País, a partir do dia 18 de junho de 2016. A Unimed-Rio opera 18 planos desse total. A suspensão vale apenas para novos beneficiários. Quem já tem os planos continuará sendo atendido normalmente. A suspensão foi baseada nas reclamações relativas à cobertura assistencial, como negativas e demora no atendimento.

## MERCADO

**Gestão da saúde:** A disparidade entre os preços de procedimentos são os principais responsáveis pelos reajustes elevados nas mensalidades dos planos de saúde. De acordo com a Fenasaúde, a ausência de regras claras para a concorrência entre empresas e o pagamento de comissões para hospitais e médicos na comercialização de produtos vêm elevando os custos assistenciais das operadoras, a taxas muito superiores à inflação. A despesa assistencial cresceu cerca de 129% entre 2007 e 2015, enquanto a inflação oficial chegou a 64,5%. Os preços dos planos de saúde são formados através dos cálculos atuariais. Calcula-se o valor de cada gasto e a frequência com que cada procedimento é usado.

Na troca de uma prótese de joelho, por exemplo, o preço de fábrica é de R\$ 2 mil, mas o procedimento pode chegar aos planos nove vezes mais caro, cerca de R\$ 18 mil. Neste valor estão inclusos quase 20% da comissão do médico, outros 20% de lucro do hospital em que é realizada a cirurgia para implantação das próteses, 12,7% são pagos ao distribuidor e 2,8% ao vendedor. Os custos com procedimentos médicos relacionados à colocação de próteses representam 10% de todas as despesas assistenciais das operadoras. Contudo, em alguns planos, chega a consumir até 27% do orçamento.

As disparidades dos preços por regiões brasileiras também chamam atenção no levantamento feito pela Fenasaúde, apontando que a diferença pode ser de até 1.000% no preço do mesmo item, como, por exemplo, um stent metálico, cujo preço variou de R\$ 450,00 a R\$ 4,9 mil. Segundo a ANS, as discrepâncias dos valores por região podem ser explicadas por fatores de custo, como armazenagem, carga de impostos ou questões da própria negociação, que podem ser influenciadas pela concorrência. No entanto, as grandes discrepâncias entre as regiões também podem indicar abusos entre os elos da cadeia.

A ANS deve anunciar, ainda em 2016, medidas para evitar preços abusivos, práticas ilegais e a adoção por parte dos planos de protocolos clínicos com a indicação clara do uso de cada material e a padronização da nomenclatura de produtos idênticos ou similares. Será também implementado um sistema de transparência para que os planos e os consumidores acompanhem o custo real de produção e distribuição.

**Desempenho dos planos de saúde:** A Unimed-Rio vai recorrer aos cooperados para cobrir parte do seu passivo. O valor da capitalização deve ficar em torno de R\$ 200 milhões. A capitalização faz parte do plano de reestruturação da operadora, que ainda prevê a venda de hospital e da sede da Unimed-Rio, localizados na Barra da Tijuca, e que poderão gerar receita de até R\$ 900 milhões.

**Judicialização e os planos:** Segundo a Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abrange), é crescente o número de processos que pedem tratamentos ou medicamentos não cobertos pelos planos de saúde. Tais medidas desequilibram o setor e acabam prejudicando o próprio paciente por meio de ajustes nas mensalidades. Segundo a Agência Nacional de Saúde (ANS), pelo menos R\$ 320 milhões, dos R\$ 1,2 bilhão gastos pelas empresas com demandas judiciais, referem-se a procedimentos não cobertos. Os principais pedidos nas ações judiciais são a inclusão de procedimentos de compra de medicamentos experimentais ou revisão de reajustes de mensalidades, de acordo com as normas da ANS. A Justiça tem entendido que procedimentos não cobertos, mas indicados pelo médico como necessários, devem ser suportados pela operadora. Para os juízes, o rol de procedimentos é um instrumento exemplificativo, e não taxativo. A ANS pretende firmar um termo com dois órgãos de cooperação para que a agência participe dos núcleos de solução de conflitos nos Tribunais de Justiça Estaduais. O principal objetivo da ANS é orientar os juízes sobre o rol das cooperativas de saúde, com parecer técnico e resoluções normativas para auxiliar na tomada de decisão. Em 2015, foram registradas 63.478 reclamações referentes a procedimentos assistenciais, dos quais 55.840 (87,4%) foram resolvidos por intermédio da agência, ou seja, foram evitadas mais de 55 mil novas ações judiciais. Outra medida que será realizada pela ANS é a tentativa de melhorar a comunicação entre as operadoras e os consumidores, estabele-



cendo prazos para atender a demanda do beneficiário. Há a previsão de desenvolvimento de unidades presenciais de atendimento ao cliente e atendimentos 24 horas em centrais telefônicas, para que a resposta à solicitação por procedimentos de urgência seja imediata.

**Hospitais:** Nos últimos dois anos, os hospitais particulares da capital federal reduziram o número de unidades de tratamento intensivo (UTIs) pediátricas e de emergências infantis, por considerarem que essas atividades deixaram de ser rentáveis. Segundo a Advocacia Geral da União (AGU), as instituições são obrigadas a manter em funcionamento todas as especialidades para as quais são credenciadas. Os gestores não podem escolher o que é mais lucrativo ou não. E, caso as unidades não cumpram com as cinco especialidades básicas previstas nas normas, poderão receber multas ou perder o credenciamento de hospital geral (grande porte).

A aprovação da lei que permitiu a entrada de capital estrangeiro nos hospitais brasileiros ampliou o interesse por esse mercado, que já contabiliza grandes aportes. Entretanto, ainda existem grandes entraves estruturais a serem equacionados no setor hospitalar, fato que tem impedido a conclusão de novas transações com investidores estrangeiros. Entre elas estão a carência de hospitais de grande porte, a dependência das Unimed como fonte pagadora, principalmente fora de São Paulo, o atendimento ao Sistema Único de Saúde (SUS), gestão pouco profissionalizada e o pouco interesse dos fundadores em abrir mão do controle do hospital. Além disso, a escala de operação de muitos hospitais, expressa pela quantidade de leitos disponíveis, em média 70, está muito abaixo do que é considerado mínimo para garantir rentabilidade, que seriam 150 leitos, pelo menos. Segundo o Banco Modal, entre os investidores estrangeiros que analisaram ativos brasileiros neste último ano, entre 45% a 50% não fecharam negócio por causa do porte do hospital.

Os hospitais privados no Brasil estão se estruturando com medidas para profissionalizar seus negócios e torná-los mais atrativos a investidores estrangeiros. O grupo de hospitais Meridional, do Espírito Santo, por exemplo, passa por uma reestruturação de sua governança para se adequar a padrões internacionais de gestão. A principal medida em curso é uma reforma societária, pela qual os seis maiores acionistas formam uma empre-

sa, que passará a deter 80% do grupo, o que representará maiores garantias de segurança ao investidor estrangeiro. O grupo é composto por cinco hospitais, com um total de 460 leitos.

O Hospital de Clínicas de Curitiba (PR) receberá aporte de R\$ 11,5 milhões do Ministério da Saúde, sendo R\$ 1,52 milhão em investimentos e mais R\$ 10 milhões por ano de custeio. Os recursos poderão ser usados em obras, adequações e compra de materiais e insumos. O HC é o maior hospital público do Paraná. Possui 430 leitos e realiza, em média, 30 mil consultas por mês, além de 1,3 mil internações e 540 cirurgias. O hospital vive uma situação difícil por falta de recursos, o que tem comprometido o seu funcionamento e deixado seus estoques de insumos vazios. O Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, deve paralisar o centro cirúrgico em virtude da falta de condições de higiene. Os funcionários da área de limpeza do hospital estão sem salários e paralisaram o trabalho, o que torna inviável a realização de cirurgias.

**Clínicas Médicas Populares:** Desde 2015, os planos de saúde perderam 1,6 milhão de beneficiários e o orçamento do SUS perdeu R\$ 12 bilhões. Diante desse cenário, o número de clínicas médicas populares deverá mais do que dobrar nos próximos anos, tendo em vista a deficiência do SUS em suprir a demanda crescente. As redes de consultas populares, juntas, estão investindo cerca de R\$ 500 milhões. A rede Dr. Consulta tem, hoje, 12 unidades, faz 50 mil atendimentos por mês e deve chegar ao fim de 2016 com 30 clínicas. A rede recebeu investimentos de US\$ 42 milhões de fundos estrangeiros e dos sócios fundadores. A Clínica Sim, que atua no Norte e no Nordeste, também está em expansão. A rede pretende elevar seu faturamento em 78% este ano e inaugurar mais quatro unidades.

**Centros de diagnóstico:** Em 2015, as filas por exames na rede de saúde municipal cresceram cerca de 56%. Mais de 347 mil pessoas aguardam na fila por exames, desde os mais simples aos mais complexos, como tomografias. O tempo de espera pode passar de cinco meses. A Secretaria Municipal de Saúde justifica as filas pelo aumento no número de consultas com especialistas realizadas na rede e pela crise econômica, que elevou a taxa de desemprego, reduziu o número de beneficiários de planos e transferiu a demanda para o SUS. Essa sobrecarga elevou o tempo de

espera, principalmente para exames de imagem. A espera para tomografias, por exemplo, pode superar três meses. As prefeituras precisariam descentralizar os serviços de diagnóstico para reduzir a espera, com mais laboratórios atendendo mais rapidamente.

O Laboratório Hermes Pardini mudará a sua atuação em São Paulo e passará a utilizar as unidades da rede Digimagem. A mudança ocorrerá nas unidades que vêm passando por alterações em processos, atendimento e na ampliação de exames oferecidos.

Segundo levantamento feito pelo Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), faltam R\$ 3 bilhões por ano para colocar em funcionamento as unidades de saúde e os equipamentos que estão parados por falta de recursos.

A Dasa comprou o Laboratório Gaspar, localizado no Maranhão, por R\$ 59,4 milhões. A aquisição marca a entrada da Dasa no Maranhão e amplia a presença da rede no Nordeste, que tem unidades distribuídas no Ceará, Pernambuco e Bahia. A empresa passou por uma forte reestruturação operacional, efetuou investimentos em plataforma tecnológica, contratou médicos, reformou unidades e ainda efetuou compra de equipamentos médicos. O lucro líquido da Dasa em 2015 caiu 70,7%, para R\$ 24,2 milhões, e o faturamento cresceu 5%, para R\$ 3,1 bilhões. Já nos três primeiros meses de 2016, o lucro líquido chegou a R\$ 3,8 milhões, bem acima dos R\$ 296 mil registrados um ano antes.

## Mais Médicos

O Ministério da Saúde quer renegociar a participação de estrangeiros no Programa Mais Médicos. A intenção é diminuir as participações de estrangeiros do programa, possibilitando a brasileiros assumirem a maioria das vagas. Hoje, cerca de 73% dos médicos que atuam no Mais Médicos são estrangeiros e a grande maioria é cubana. A intenção é ir reduzindo aos poucos o número de estrangeiros trazidos pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Seriam mantidos somente aqueles que ocupam as vagas consideradas difíceis, como nos distritos indígenas e nas cidades mais afastadas. A meta é reduzir

de 11 mil para 3 mil o número de médicos estrangeiros que participam que hoje participam do Programa.

## INOVAÇÃO

**Política industrial:** As empresas GE Healthcare e Inovapar Soluções anunciaram parceria com a intenção de aumentar a distribuição e o acesso ao suporte para o portfólio de Healthcare IT da GE no Brasil. A parceria de longo prazo pretende beneficiar as instituições de saúde com a expertise das duas empresas no mercado.

Com a intenção de driblar a crise econômica e a queda nos investimentos, a indústria de equipamentos para a saúde pretende ampliar receitas com a prestação de serviços. A Divisão Healthcare da Siemens, por exemplo, tem ofertado tecnologias que elevam a qualidade e a quantidade dos exames, melhoram os resultados e aperfeiçoam a gestão dos negócios.